

CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E DENÚNCIA SOCIAL – ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA EXTREMA POBREZA EM UMA CHARGE DE ANGELI

*(Meaning-making and social denunciation – analysis of
extreme poverty representation in a charge by Brazilian
cartoonist Angeli)*

Renata C. Sant'Ana¹

Viviane de Melo Resende²

ABSTRACT

This paper aims to discuss the process of meaning-making in a charge by Angeli, focusing upon the representation of extreme poverty in the multimodal articulation of verbal and visual semiosis. To analyze how images and verbal texts are organized to produce meaning effects in the text, we use the theoretical and methodological assumptions of Visual Design Grammar (Kress and van Leeuwen, 2006) and Systemic Functional Linguistics (Halliday, 2004), combined with Critical Discourse Analysis (Fairclough, 2003, 2010; Ramalho and Resende, 2011).

Keywords: Systemic Functional Linguistics, visual design grammar, critical discourse analysis, multimodality, extreme poverty

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender os processos de construção de sentidos em uma charge de Angeli, atentando para a representação da extrema pobreza no texto, na articulação multimodal entre as linguagens verbal e visual. Para analisar o modo como as imagens e os textos verbais se articulam para produzir efeitos de sentido no texto, utilizamos os pressupostos teórico-metodológicos da Gramática do Design Visual (Kress e van Leeuwen, 2006) e da Linguística Sistêmico Funcional (Halliday,

1. Mestre em Cognição e Linguagem, professora no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa (Coluni/UFV, Brasil).
2. Doutora em Linguística, professora adjunta do Departamento de Linguística da Universidade de Brasília (UnB, Brasil), coordenadora do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (www.nelis.unb.br).

2004), aliados à *Análise de Discurso Crítica* (Fairclough, 2003, 2010; Ramalho e Resende, 2011).

Palavras-chave: *Linguística sistêmico-funcional, gramática do design visual, análise de discurso crítica, multimodalidade, extrema pobreza*

Introdução

Buscamos, neste estudo, investigar a representação discursivo-imagética da extrema pobreza em uma charge de Angeli.³ Para analisar o uso de recursos semióticos utilizados para a representação da extrema pobreza, escolhemos uma charge por entendermos ser um gênero que descreve e reinterpreta esse grave problema social e os contextos que o cercam, lançando mão de discursos reveladores do senso comum de uma sociedade situada sócio-historicamente, seja para reificá-los ou para desconstruí-los. Assim, em relação à temática abordada neste artigo, buscamos evidenciar os efeitos de sentido potenciais da charge em tela, como forma de expressão elucidativa e satírica que se pauta por representações simbólicas situadas.

Como arcabouço teórico-metodológico para o desenvolvimento deste trabalho, lançamos mão de pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 2004) e da Gramática do Design Visual (Kress; van Leeuwen, 2006), aliados aos da *Análise de Discurso Crítica* (Fairclough, 2003; Ramalho e Resende, 2011), o que nos permitiu explorar o potencial analítico dessas abordagens para a análise de textos midiáticos multimodais, como é o caso das charges.

O artigo divide-se em três seções. Na primeira, procuramos discutir a construção de sentidos no gênero charge; na segunda, apresentamos nosso arcabouço teórico-prático; na terceira, tecemos nossa análise discursiva multimodal do texto. Por fim, apresentamos algumas considerações finais.

3. Agradecemos a Dra. Flaviane Carvalho, da Universidade de Lisboa, por sua apreciação da primeira versão do exercício analítico que apresentamos neste artigo.

1. O gênero charge: construção ambivalente de sentidos

Pelo princípio do dialogismo da linguagem (Bakhtin, 1995), qualquer texto situado só pode ser compreendido se entendermos sua relação com outros textos, perspectiva que incorpora a historicidade da linguagem e a necessidade de atenção aos contextos de uso da língua. Nessa perspectiva, compreendemos a produção e o consumo de charges como processos inseridos em práticas sociais, nos quais os sentidos são construídos a partir da relação dialógica estabelecida entre interlocutores/as na mediação promovida pelo texto. Dada a natureza do gênero, esse processo de construção e reconstrução de sentidos é altamente dependente dos conhecimentos extralinguísticos compartilhados, postos em negociação nessa ‘quase-interação mediada’ (Thompson, 2002).

Assim, o processo de construção de sentido das charges, talvez de forma mais acentuada que em outros gêneros, depende muito diretamente do compartilhamento de experiências e valores entre o/a produtor/a da charge e seu público leitor. E é por meio desses conteúdos simbólicos e do entrecruzamento de vozes que surgem os efeitos de sentido, pois a ambivalência geradora do humor faz com que se afirmem ou se neguem certos valores, obrigando o/a leitor/a a refletir, uma vez que lança luz sobre questões sociais por vezes obscurecidas (Costa; Miguel, 2009).⁴

A charge tem sido definida como um gênero discursivo que exige um conjunto de conhecimentos específicos para o seu entendimento. Sua dependência de conhecimento social compartilhado é o que faz desse tipo de texto um gênero fortemente situado em contextos de cultura e de situação específicos, e daí decorre sua natureza efêmera e a dificuldade de sua tradução intercultural. É justamente dessa dinâmica do texto chágico que resulta o efeito cômico, remetendo ao riso irônico e acentuando aspectos responsáveis pela construção da crítica e/ou denúncia que irá produzir, como efeito de compreensão,

4. Costa e Miguel (2009), ao discutirem a questão, fazem referência ao livro de Romualdo (2000), *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia – um estudo de charges da Folha de São Paulo*, editado em Maringá pela Eduem.

um riso inusitado, resultante da oposição entre o dramático e o cômico.

Para Bergson (1980), o risível tem caráter social, pois nosso riso, mesmo quando contraditório, esconde uma intenção de cumplicidade no tecido social. Isso explica porque alguns efeitos cômicos são intraduzíveis de uma cultura para outra, uma vez que são relativos às ideias e aos costumes de determinada sociedade. Retomando Bergson, Brito (2008: 39) ressalta a insensibilidade que acompanha o riso, sendo a indiferença indispensável para a comichidade. Por isso, o autor sustenta que “também é possível rir de uma pessoa que inspire piedade, ou mesmo afeição, mas que, para isto, seria preciso esquecer essa afeição, calar essa piedade por alguns instantes”.

Seguindo o mesmo raciocínio, Minois (2003: 19-20) define o riso e o escárnio como “o irônico, a individualidade genial, que consiste no auto-aniquilamento de tudo que é soberano, grande e nobre”. O autor revela que “o riso esconde seu mistério, às vezes agressivo ou sarcástico, tomando as formas da ironia, do humor, do burlesco e do grotesco”. Assim, o riso que a charge provoca – especialmente charges como aquela que aqui tomamos como objeto, um texto que provoca o ‘riso reflexivo’ a partir de uma situação nada cômica – constrói-se na sátira a acontecimentos ou problemas sociais, servindo para afirmar valores e crenças ou – nesse caso – para subvertê-los.

Especificamente tratando do funcionamento do gênero, Pilla e Quadros (2009: 235) destacam um aspecto central na construção interna da charge: o/a produtor/a de textos que recorre a esse gênero “informa e também opina sobre um tema, parodiando-o por meio da representação de um ‘mundo às avessas’, satirizado pela própria inversão de valores sociais”, o que pode oferecer aos/às leitores/as “uma visão crítica da realidade”. Por outro lado, é preciso reconhecer que o riso por trás do ‘irrisível’ pode também favorecer a acomodação de valores dominantes, amortizando consciências.

2. Linguística Sistêmico-Funcional e Gramática do Design Visual: ferramentas para uma análise discursiva crítica

No exercício analítico que apresentamos na seção seguinte, tiramos proveito de pressupostos teóricos da Análise de Discurso Crítica (ADC), em sua perspectiva situada do funcionamento social da linguagem (Fairclough, 2003, 2010; Ramalho e Resende, 2011), e pomos em funcionamento ferramentas da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF; Halliday, [1985] 2004) e da Gramática do Design Visual (GDV; Kress e van Leeuwen, 2006) para a análise das interfaces textuais e imagéticas no texto multimodal que nos serve de objeto.

Para além da questão das categorias linguísticas utilizadas como ferramentas para análise discursiva, a própria compreensão da organização da linguagem em ADC, de sua natureza funcionalmente complexa, tira partido da LSF: para desenvolver sua teoria do funcionamento social da linguagem, Fairclough (1989, 2003, 2010) tem-se apropriado também da LSF de Halliday.⁵ A relação entre as funções da linguagem e a organização do sistema linguístico é, para a LSF, um aspecto geral da linguagem humana. A variação funcional não é uma seleção de usos da linguagem, e sim sua propriedade básica.

Halliday teorizou três metafunções que atuam simultaneamente em textos: ideacional, interpessoal e textual. A função ideacional da linguagem é sua função de representação da experiência; a função interpessoal refere-se a sua função no processo de interação social; e a função textual refere-se a aspectos semânticos, gramaticais e estruturais dos textos. Influenciados e apoiados na LSF, Kress e van Leeuwen (2006) reelaboraram as metafunções de Halliday (2004)

5. Outra importante referência para a teoria do funcionamento social da linguagem, inicialmente formulada por Fairclough e depois discutida e mais bem desenvolvida em outros textos, é o Realismo Crítico (RC) de Bhaskar. Enquanto a LSF provê uma teoria do funcionamento da linguagem, o RC provê uma teoria do funcionamento da sociedade. Recontextualizadas juntas, logram uma teoria do funcionamento social da linguagem (ver Resende, 2009a; Ramalho e Resende, 2011).

para fundar a GDV, que, assim como a LSF, considera os contextos de uso da língua e reconhece a complexidade funcional da linguagem.

Conforme Resende e Ramalho (2006) explicitam, a operacionalização dos três significados do discurso propostos em Fairclough (2003) mantém a noção de multifuncionalidade presente na LSF: Fairclough enfatiza que os três atuam simultaneamente em todo texto. Nas práticas sociais, o discurso figura de três principais maneiras: como modos de agir, como modos de representar e como modos de ser, e a cada uma delas corresponde um tipo de significado: acional, representacional e identificacional. A relação entre os três níveis de significados é interna, ou seja, há fluxo entre os três. Além disso, Fairclough (2003) teoriza as noções de gênero, discurso e estilo – respectivamente associadas aos significados acional, representacional e identificacional – como os três principais elementos das ordens de discurso, relacionadas aos diferentes campos da atividade humana.

Essa formulação acerca do funcionamento da linguagem na sociedade possibilita o rompimento dos limites entre a Linguística e as Ciências Sociais, uma vez que a proposta é abordar problemas sociais relacionados a conceitos como ideologia e hegemonia por meio da análise de mecanismos linguístico-discursivos concretizados em textos e de sua relação com práticas e redes de práticas sociais (Resende, 2009a).

Cabe ressaltar que todo texto é multifuncional, ou seja, as estruturas linguísticas não ‘selecionam’ funções específicas isoladas para desempenhar, mas, ao contrário, expressam de forma integrada todos os componentes funcionais do significado, e, assim como qualquer texto, uma imagem não apenas representa o mundo, mas também age sobre ele. Em textos multimodais, essa complexidade simbólica se realiza por meio da articulação entre os diferentes modos semióticos – no caso de nosso objeto analítico neste artigo, os modos imagético e verbal.

Em relação aos níveis de representação e de comunicação, Kress e van Leeuwen (2006) compreendem o primeiro como um processo no qual o/a produtor/a de um texto busca representar algum objeto de acordo com seus interesses conectados à história cultural, social

e pessoal, com a mediação do contexto específico de produção. Já a comunicação é o processo no qual um produto ou evento semiótico é, ao mesmo tempo, articulado ou produzido e interpretado ou usado. Assim, é necessário que o/a interpretante tenha conhecimento semiótico para reconstruir a mensagem, pois a comunicação não se dá apenas no âmbito do/a produtor/a, mas também considera o/a interpretante, o que remete àquilo que já discutimos sobre o riso e o escárnio. Podemos afirmar, então, que a estrutura social está inevitavelmente presente na comunicação.

Sobre o modo como se dá a representação em textos multimodais, em seus estudos sobre a GDV Fernandes (2011:144) ressalta que o processo envolve analogias e classificações que tratam as características consideradas criteriosais como senso comum, naturalizando-as – o que pode mascarar relações sociais de poder. Para Fernandes, esse é um dos motivos que levam Kress e van Leeuwen a sugerirem que analistas de discurso críticos/as utilizem ferramentas da GDV.

Para a GDV, de acordo com Dias (2011), na linguagem verbal a sintaxe está relacionada à ordem sequencial dos elementos de uma oração; já nas imagens, a sintaxe depende da ordem espacial em que os elementos representados estão organizados. A natureza específica da representação imagética exige, portanto, categorias analíticas também específicas, capazes de iluminar a sintaxe dos textos visuais. Assim como a LSF, a GDV é minuciosa, e constrói um refinado arcabouço de categorias analíticas disponíveis para analistas de discurso. Para o exercício analítico que propomos, entretanto, faremos um recorte nesse ferramental, e simplificaremos o arcabouço apresentando a seguir apenas as categorias que utilizaremos em nossa análise. Nossa explanação será dividida em significados representacionais, interacionais e composicionais.

Significados representacionais

Para o estudo das representações imagéticas, Kress e van Leeuwen preferem falar em ‘participantes representados’, e não em ‘elementos’ ou ‘objetos’ da imagem. Com isso, segundo Fernandes

(2011), ressaltam o papel ativo dos participantes na composição da mensagem ativada em uma imagem, mas também chamam atenção para o fato de que, além dos participantes representados, há também os/as participantes interativos/as – aqueles/as que produzem e consomem as imagens.

Considerando o nível de representação, os participantes representados podem engajar-se em ações ou eventos, constituindo os chamados processos narrativos, ou podem ser representados como ‘sendo algo’, como ocorre nas representações conceituais (Kress e van Leeuwen, 2006). Resumidamente, podemos dizer que as representações narrativas tratam de ações desenvolvidas visualmente, envolvendo participantes, circunstâncias e eventos (excelentes exemplos de análise podem ser consultados em Fernandes, 2011). Contudo, outra maneira de representar visualmente, segundo Kress e van Leeuwen (2006), é por meio das representações conceituais, que não mostramos participantes representados executando ações, mas enfatizam algo culturalmente relacionado a sua ‘essência’.

Significados interacionais

Como o nome sugere, os significados interacionais tratam das interações estabelecidas entre os participantes representados e os/as participantes interativos/as, ressaltando as estratégias de aproximação e afastamento, isto é, as estratégias que caracterizam a interação e as modalidades existentes. Assim, as imagens estabelecem diferentes tipos de interação entre produtor/a e observador/a, os/as participantes interativos/as, em sua relação com os participantes representados, sugerindo diferentes atitudes.

Os significados interacionais podem fazer referência aos sistemas de contato, distância social e atitude. O *sistema de contato* pode apresentar os participantes representados como Demanda ou como Oferta. Dizemos que uma imagem é de Demanda quando o participante representado olha diretamente para quem vê a imagem; quando o participante não estabelece vínculo direto, temos uma imagem de Oferta. A Demanda reforça o significado

interativo da imagem, pois o participante representado se dirige para o/a observador/a, estabelecendo uma relação dialógica com os/as participantes interativos/as. O *sistema de distância social* pode marcar a distância entre os participantes representados e os/as participantes interativos/as em um contínuo cujas demarcações principais são: a distância íntima/pessoal, a distância social e a distância impessoal. O *sistema de atitude* é usado para ressaltar subjetividade ou objetividade. A subjetividade pode indicar envolvimento ou distanciamento entre os participantes representados e os/as participantes interativos/as, assim como relações de poder em vários níveis: do/a leitor/a em relação à imagem representada, da imagem representada em relação ao/à leitor/a, e, até mesmo, relações de simetria.⁶

Significados composicionais

Os significados composicionais são responsáveis por estabelecer coesão e coerência textuais. Assim como na linguagem verbal, na visual os elementos se relacionam para formar um todo interligado. O nível composicional relaciona os significados representacionais e interacionais da imagem através de três sistemas inter-relacionados: valor da informação, saliência e enquadramento. Assim, Kress e van Leeuwen (2006: 177) elaboram um arcabouço para análise de imagens inseridas em seus co-textos multimodais de realização, pois consideram que “a integração dos diferentes modos semióticos é o

-
6. Esses efeitos são alcançados por meio do ângulo usado para retratar determinado participante. Por exemplo, o uso do ângulo frontal de imagem representa envolvimento entre o participante representado e o/a participante interativo/a; enquanto o uso do ângulo oblíquo sugere distanciamento. Por sua vez, o uso do ângulo alto, quando o/a participante interativo/a parece estar olhando a imagem de cima, indica poder do/a observador; enquanto o uso do ângulo baixo, quando o participante representado parece olhar o/a participante interativo/a de cima, configura o poder do participante representado. Se o ângulo usado para retratar o participante representado for equivalente à altura dos olhos de quem vê a imagem, as relações entre os participantes representados e os/as participantes interativos/as são representadas como em nível de igualdade.

trabalho de um código geral, cujas regras e significados garantem ao texto multimodal a lógica de sua integração”.

O *sistema de valor da informação* trata da relação entre o posicionamento dos participantes representados de acordo com diferentes arranjos possíveis na página. O valor de informação pode ser organizado dividindo a página entre o lado esquerdo – o lado do Dado, ou seja, o lado da informação já conhecida –, e o lado direito – o lado do Novo, ou seja, o lado da informação a ser processada e/ou questionada. O valor de informação também pode ser organizado dividindo a página em duas partes: uma metade superior, chamada de Ideal, e uma metade inferior, chamada de Real. Quando um participante se apresenta no lugar do Ideal, atribui-se uma carga emocional, de modo que ele passa a constituir o que é desejável ou o que poderia ser a ‘realidade’. Por outro lado, quando um participante é representado no lugar do Real, ele é representado de modo mais objetivo. A representação do Real demonstra como as coisas são, ao contrário da representação do Ideal, que procura demonstrar como elas deveriam/poderiam ser. Quanto à *saliência*, trata-se de recursos utilizados em um mesmo plano da imagem, porém com tratamentos diferentes em relação aos elementos em uso, acarretando colocação dos participantes em maior ou em menor evidência. Por último, o terceiro elemento que compõe a estrutura composicional, o *enquadramento*, refere-se a linhas divisórias ou espaços delimitados que conectam ou desconectam os elementos de uma imagem, sugerindo pertencimento ou não a um núcleo de informação.

De acordo com Fernandes (2011:162), vale ressaltar que a conexão ou desconexão entre participantes representados também pode servir a diversos interesses. Na realidade, não apenas a estrutura composicional, mas também as estruturas de representação dos participantes e de representação da interação entre participantes representados e participantes interativos/as geram efeitos de sentido específicos, como buscamos ilustrar no exercício analítico apresentado na próxima seção.

3. O (anti-)humor em uma charge de Angeli: representação da extrema pobreza

Partindo do pressuposto de que “o texto é ambiente de manifestação de múltiplas vozes e vários diálogos, permeados por contextos e discursos que se complementam no que se refere aos efeitos de sentido”, a charge selecionada foi analisada considerando-se o contexto sociopolítico em que foi produzida (Miranda, 2011: 65). Faz menção à realidade socioeconômica do Brasil, concernente à questão da extrema pobreza e da desigualdade social.

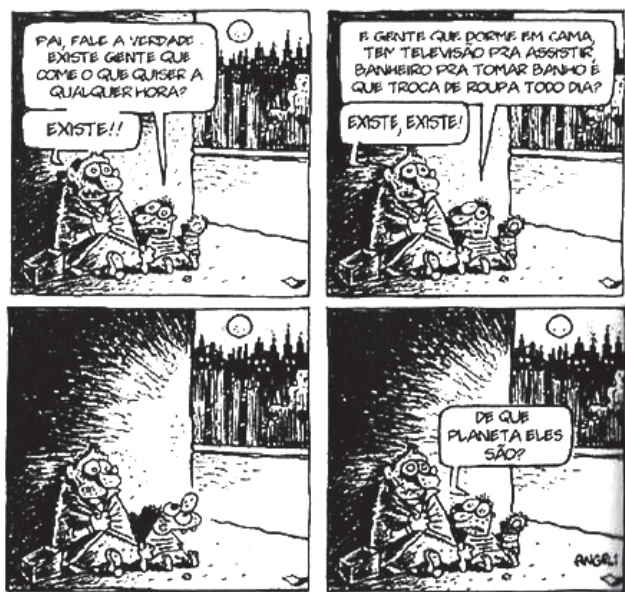
Na análise que apresentamos a seguir, investigamos os efeitos de sentido das imagens associadas aos textos verbais, considerando que o sentido do texto só se constrói plenamente na integração entre essas modalidades de linguagem. Para a análise das instâncias imagéticas, utilizamos o referencial da GDV, considerando os sistemas de significados representacionais, interacionais e composicionais. Para a análise dos textos, tomamos as metafunções ideacional (sistema de transitividade), interpessoal (sistema de modo) e textual (sistema de tematização). Como já explicitamos, faremos um recorte nos sistemas e categorias, utilizando o jargão específico apenas quando indispensável e apropriando-nos das ferramentas conforme nossa necessidade analítica.

A charge que utilizamos como objeto de análise foi publicada (não por acaso) no livro *Cidadão de Papel* (Dimenstein, 2002:19), um livro que aborda questões relacionadas à infância, à adolescência e aos Direitos Humanos no Brasil. Nessa obra, o autor associa a fragilidade dos direitos que deveriam ser assegurados, por força da Constituição de 1988, ao conjunto de cidadãos/ãs brasileiros/as à existência desses mesmos direitos apenas no papel. Assim, Dimenstein aborda a falência do exercício da cidadania no Brasil e, ao apontar elementos responsáveis por estabelecer desigualdades e injustiças sociais, discute a vulnerabilidade social (em termos de má distribuição de renda, falta de acesso à saúde e à educação, violência etc.) e a “cidadania de papel” existente no Brasil.

Vejamos a charge:

Figura 1: Charge de Angeli, sem título

Fonte: Dimenstein, 2002: 19



Iniciaremos nossa análise pelo texto verbal – com o referencial de transitividade, modalidade e estrutura tema/rema, mapearemos os textos que aparecem nos balões dos quatro quadros que compõem nosso objeto. Em seguida, passaremos à análise das imagens, recorrendo aos sistemas explicitados na seção anterior e avançando para a análise multimodal do texto, isto é, já tecendo comentários sobre as relações entre os significados expressos nas instâncias verbal e imagética. Integramos às análises linguísticas/semióticas nossa explanação do texto – concomitantemente à descrição das instanciações presentes no texto, já damos o salto interpretativo, conforme propõe a Análise de Discurso Crítica.

Em “Pai, fale a verdade.”, primeira instância verbal no texto, estamos diante de processo verbal em que o dizente é o pai – solicitado a dizer (Fale você pai a verdade); a verdade é o que se solicita dizer, é a verbiagem no processo verbal solicitado. A função discursiva é uma troca

de atividade (mesmo que se trate de uma atividade verbal a solicitada), uma demanda, como se nota no uso do imperativo, o que caracteriza uma demanda direta, ou alta. Não há elementos modalizadores. Toda essa oração é tema no texto do primeiro balão. Ainda no mesmo quadro e no mesmo balão, a oração seguinte (“Existe gente que come o que quiser a qualquer hora?”) constitui processo existencial em que o existente é “gente que come o que quiser a qualquer hora”. A função discursiva é uma troca de conhecimento, uma pergunta ou demanda de informação. Aparece o modalizador de frequência “a qualquer hora” – sempre que deseje. Toda essa oração é rema no texto desse balão, e o estranhamento entre o tema e o rema é que a demanda que caracteriza o tema (‘fale a verdade’) cria a expectativa de uma ‘pergunta difícil’, e a oração posta como rema contraria a expectativa, já que todos/as sabemos a resposta, ‘a verdade’. Esse estranhamento é o que dá o tom do texto, uma vez que sabemos que a apartação social (Buarque, 2003) não impede o conhecimento, por parte de quem está à margem do consumo, dos bens e serviços disponíveis aos/às que podem consumir (Resende, 2009b).

À continuação, ainda no primeiro quadro, temos a resposta do pai –“Existe!!” – que retoma o processo existencial, dessa vez com o existente elíptico (“gente que come o que quiser a qualquer hora”). A função discursiva é uma troca de conhecimento, uma oferta de informação, com modalidade epistêmica categórica. A marca de atitude fica por conta do ponto de exclamação duplo (sim, é claro que existe), que enfatiza o estranhamento entre tema e rema no balão anterior.

Passemos ao segundo quadro, em que o filho dá prosseguimento a sua ‘pergunta difícil’ (“E gente que dorme em cama, tem televisão para assistir, banheiro para tomar banho e que troca de roupa todo dia?”), mantendo a estrutura de transitividade com processo existencial em que o processo está elíptico (E [existe] gente...). A função discursiva é uma troca de conhecimento, uma pergunta ou demanda de informação. Aparece o modalizador de frequência “todo dia” – de novo, significando ‘sempre que deseje’. Permanece o estranhamento apontado para o quadro anterior.

Na resposta do pai (“Existe, existe!”) também se apresenta o paralelismo com o diálogo no primeiro quadro. Novamente temos processo existencial em que o existente está elíptico, e a função discursiva é uma oferta de informação, com modalidade categórica. Também de modo paralelo à primeira fala do pai no texto, a marca de atitude fica por conta da repetição e do ponto de exclamação (sim, é claro que existe) – note-se que a exclamação dupla do primeiro quadro é aqui substituída pela repetição léxica, gerando efeito semelhante.

Após um terceiro quadro sem falas – mas com um movimento que comentaremos em seguida – o último quadro do texto apresenta uma única oração: “De que planeta eles são?”. No processo relacional identificativo intensivo, o participante identificado está representado por ‘eles’, e seu identificador é ser hipoteticamente de um planeta desconhecido. A função discursiva novamente é uma troca de conhecimento, uma pergunta ou demanda de informação, sem elementos modalizadores ou atitudinais. Mas é central, novamente, o estranhamento causado pelo absurdo da pergunta.

O que o texto realiza é uma abordagem da apartação, amplificando a ausência de (re)conhecimento entre classes separadas pela fronteira social, e para isso utiliza enfaticamente a inocência/ignorância infantil. O absurdo da interlocução representada lança luz sobre o absurdo da própria lógica da apartação. Assim como as classes que têm acesso aos bens de consumo não reconhecem a semelhança das classes que não têm esse acesso garantido, aqui os grupos invisíveis para a criança que demanda informação são aqueles que têm acesso garantido ao bem-estar (cama, banho, conforto, roupa).

Passemos às imagens que compõem o texto multimodal, analisando-as à luz do texto verbal, pois entendemos que, pela lógica da multimodalidade, não poderiam ser interpretadas separadamente – o mesmo vale, claro, para o texto verbal. No que se refere aos significados representacionais nas imagens, os participantes são representados individualmente. Ainda que apareçam ambos os participantes nas imagens, são representados como indivíduos identificáveis em papéis específicos – pai e filho. Assim, estabelece-se envolvimento singular, pois cada um é identificado em sua individualidade. São portadores

de significado de classe – o foco recai em sua representação como pessoas em situação de rua. Isso se constrói imageticamente nas circunstâncias: por estarem sentados na rua, por seus poucos objetos que os rodeiam, pelo modo como o pai tenta proteger-se do frio puxando o casaco, pela ausência de um de seus sapatos. Assim, os participantes representados são portadores de atributos padronizados que fazem referência a classe.

Se observados os quatro quadros, a estrutura da representação é narrativa. Ainda que não se movam no espaço, os participantes são dizentes no processo verbal imageticamente representado, inclusive pelo recurso dos balões. A história se desenrola no tempo, o que comprova a existência de cronologia caracterizadora de narrativa. No que se refere a índices movimento, o único vetor a indicar qualquer movimentação é o olhar do filho, que a certa altura da narrativa (terceiro quadro) vira-se para olhar a cidade enquanto reflete sobre as respostas do pai. Nesse sentido, o silêncio no terceiro quadro é significativo.

Se observada cada imagem, entretanto, a representação é conceitual. Os participantes não agem no mundo (para além da fala representada nos balões) e pouco se movem. Nesse sentido, em cada quadro particularmente analisado, podemos dizer que se trata de imagens conceituais, nas quais os participantes são portadores de seus poucos atributos, suficientes para a representação do vínculo de classe.

Quanto aos significados interativos, não se estabelece qualquer contato entre os participantes representados e o/a observador/a da imagem. Nesse sentido, as imagens, integradas ou tomadas isoladamente, realizam Oferta – o texto e as imagens que o compõem oferecem-se para a contemplação e a reflexão de seus/suas leitores/as, não demandando deles/as qualquer contato direto. As imagens apresentam-se em plano geral, permitindo a ênfase no ambiente e o caráter descritivo da cena – o beco em que se abrigam, a cidade distante, o céu noturno. Os participantes representados estão em ângulo horizontal semi-oblíquo: não estão totalmente de frente nem totalmente de lado. Não há envolvimento direto entre o produtor da imagem e os participantes representados, nem entre o/a observador/a

e os participantes representados – daí não se formarem vetores de contato. O ângulo vertical é equânime, mas se dá ao nível do solo, focalizando os participantes representados em seu contato com o chão da rua.

Por fim, debruçemo-nos sobre os significados composicionais. No que se refere ao valor informacional, os participantes são representados no canto esquerdo inferior das imagens, na fronteira entre a escuridão da rua e a claridade da cidade. Considerando-se que o Dado é posto à esquerda e o Novo à direita, a representação é coerente com a perspectiva da criança, para quem os confortos associados à vida urbana são desconhecidos. Da mesma forma, se o Real é o que está na parte inferior da imagem e o Ideal é o que se apresenta acima, temos que a situação de rua é o Real, e a cidade distante, iluminada, é o Ideal. Assim mesmo, o Real é o desabrigo (a experiência empírica dos participantes), e o Ideal é a construção, o edifício, o abrigo, a casa (o que coincide com o desconhecido para a criança representada). Do mesmo modo como acontece com a polarização (Dado/Novo), na centralização (Real/Ideal) a representação imagética é coerente com a perspectiva da criança – e não dos/as prováveis leitores/as da charge, do que decorre o estranhamento fundamental para a atribuição de sentido ao texto.

Em termos de saliência, é de se notar o contraste claro-escuro no muro no qual os participantes se apoiam, o que pode ser interpretado como contraste entre a cidade ao fundo (luz) e a rua (sombra). Se os elementos à esquerda são os que recebem maior saliência, a ênfase está nos participantes representados mais que nas circunstâncias que os rodeiam. Estão, além disso, em primeiro plano. Assim, não são representados imageticamente apenas como uma família em situação de rua, são representados como pai e filho, postos lado e lado e em situação de diálogo. Note-se, no que se refere aos detalhes da imagem, a expressão do pai submetido às perturbadoras perguntas do filho. Sua expressão deixa ver o desconforto, a impotência e a dor da situação. É de se notar também que o pai não se volta para o filho quando lhe responde as perguntas, embora o filho lance olhar para o pai em cada um de seus movimentos no diálogo e para a cidade no terceiro quadro,

momento de sua reflexão. A postura permanente do pai, sempre olhando para lugar algum, também sinaliza a situação perturbadora.

O que está posto à direita da imagem dos participantes tanto pode ser uma mureta como uma rua ou mesmo um braço de rio, mas de qualquer forma, em termos de enquadre, se delimita fronteira forte entre o local que ocupam e a cidade ao fundo, no canto superior direito. Estamos diante da situação de máxima desconexão, a segregação (Kress; van Leeuwen, 2006), já que a linha de *frame* realizada pela mureta-rua-rio não permite qualquer contato entre o local de representação dos participantes e a cidade ao fundo, acima e à direita. Mais uma vez, temos uma representação imagética coerente com a perspectiva da criança.

O constrangimento do pai com as perturbadoras perguntas do filho – marcado no texto verbal pelas ênfases obtidas com a dupla exclamação e com a repetição léxica, e nas imagens pela feição consternada e pela recusa do olhar – e a inocência/ignorância da criança – expressa no absurdo de suas perguntas – dão a tônica do texto. Tanto textos verbais como imagens realizam a amplificação da diferença social no contexto da apartação.

Considerações finais

Neste exercício analítico, procuramos discutir os efeitos potenciais dos recursos visuais articulados aos recursos verbais no texto chágico em tela. Para isso, tomamos algumas categorias de análise da modalidade visual de Kress e van Leeuwen (2006) e da modalidade verbal de Halliday (2004), aliadas aos pressupostos da Análise de Discurso Crítica. Por meio do estudo da GDV, da LSF e da ADC, ilustramos o potencial da aplicação desses instrumentais para a análise de recursos imagéticos e verbais utilizados na estruturação de textos socialmente situados, e como esses recursos se articulam para construir efeitos de sentido.

Reconhecemos os limites e a incompletude de nossa análise, ainda assim suficiente para uma explanação crítica do texto capaz

de apontar que realiza uma abordagem da apartação que amplifica, lançando mão de uma lógica não propriamente racional, a ausência de (re)conhecimento entre classes separadas pela fronteira social. Com potencial para gerar reflexão crítica, o texto joga com o absurdo da apartação, utilizando enfaticamente a inocência ou a ignorância infantil. O aspecto inverossímil da interlocução representada, ao provocar o riso do 'irrisível', suscita um exame da própria lógica da dessemelhança.

Recebido em: 13/11/2012

Aprovado em: 17/1/2013

recsantana@yahoo.com.br

viviane.melo.resende@gmail.com

Referências bibliográficas

- Bakhtin, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- Bergson, H. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Brito, R. R. O riso carnavalesco na sociedade humorística contemporânea. *Veredas*, 1(2): 37-45, 2008.
- Buarque, C. *O que é apartação: o apartheid social no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- Costa, E. P. M.; Miguel, E. A. O gênero charge e a atitude responsiva: uma abordagem enunciativo-discursiva. In: Covre, A. M. P. M. *et al.* (orgs.). *Rodas de Conversa Bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009. pp. 107-12.
- Dias, L. S. A seção Ciência no Estado de Minas e na Folha de São Paulo: um estudo comparativo sob a ótica da Análise do Discurso da Divulgação Científica e da Gramática do Design Visual. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa, 2011.
- Dimenstein, G. *O cidadão de papel*. São Paulo: Ática, 2002.

Fairclough, N. *Language and power*. Harlow: Longman, 1989.

_____. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

_____. *Critical discourse analysis: the critical study of languages*. 2 ed. Harlow: Longman, 2010.

Fernandes, A. C. Lula na Veja: da campanha presidencial de 2002 à reeleição em 2006 – uma análise de discurso crítica. Tese de Doutorado (Universidade Federal do Paraná), 2011.

Halliday, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. Revised by C. Matthiessen. London: Arnold, 2004.

Kress, G.; van Leeuwen, T. *Reading images: the grammar of visual design*. New York: Routledge, 2006.

Minois, G. *História do riso e do escárnio*. Editora da UNESP, 2003.

Miranda, H. S. C. As relações dialógicas e polifônicas de Mikhail Bakhtin nas charges jornalísticas de Angeli. *Diálogos Educ*, 2 (2): 62-73, 2011.

Pilla, A; Quadros, C. B. Charge: uma leitura orientada pela análise do discurso de linha francesa. *Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação*, 3 (3), 2009. pp. 226-39.

Ramalho, V.; Resende, V. M. *Análise de discurso (para) a crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011.

Resende, V. M.; Ramalho, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

Resende, V. M. *Análise de discurso crítica e realismo crítico: implicações interdisciplinares*. Campinas: Pontes, 2009a.

Resende, V. M. 'It's not a matter of inhumanity': a critical discourse analysis of an apartment building circular on 'homeless people'. *Discourse & Society*, 20(4), 2009b. pp. 363-379.

Thompson, J. B. *Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 2002.